

# Ribeira de Iguape: um desvio que mata a foz

Fotos: José Maria Tomazela/AE

**Reabertura do Valo Grande assoreia os últimos 18 km do rio e ameaça o ecossistema**

JOSÉ MARIA TOMAZELA

**I**GUAPE – Cerca de 18 quilômetros do Rio Ribeira de Iguape, a partir da barra onde as águas do rio se juntam às do Oceano Atlântico, no município de Iguape, litoral sul de São Paulo, estão morrendo. Nesse trecho, um dos mais importantes rios do Estado, outra caudaloso e repleto de peixes, está ficando raso e quase sem vida. Na foz, o que era antes um caudal com quase mil metros de largura, empurrando fortemente suas águas mar adentro, transformou-se em um canal estreito e raso, pontilhado por bancos de areia.

A água salgada adentrou o rio e os peixes desapareceram. Sem força para arrastar os sedimentos, o Ribeira vai ficando cada vez mais assoreado. Ambientalistas já prevêem o fechamento total da barra e a transformação desse trecho em um manancial de águas paradas.

A causa do fenômeno é a reabertura do Valo Grande, em Iguape, em 1994. Com a queda do que restava de uma barragem de contenção, as águas do Ribeira passaram a escoar por esse canal artificial, que desemboca no Mar Pequeno, criando uma segunda foz. Nos últimos anos, o valo passou a receber mais da metade da vazão do Ribeira, causando um desastre sem precedentes no complexo estuarino lagunar de Iguape-Cananéia, um dos maiores berçários de espécies do planeta. "Além de causar a morte do Ribeira Velho, o despejo de água doce no estuário acabou com os peixes, camarões, ostras, caranguejos e siris", afirma o prefeito de Iguape, João Cabral Muniz (PSDB). Das 12 indústrias de pescada do município, restam apenas três. A pesca turística também acabou. "O estuário sofre intenso assoreamento e está recebendo uma carga de poluição que, antes, era diluída no oceano", denunciou. Além dos esgotos das cidades que corta, o Ribeira tem elevados índices de contaminação por metais pesados, principalmente o chumbo.

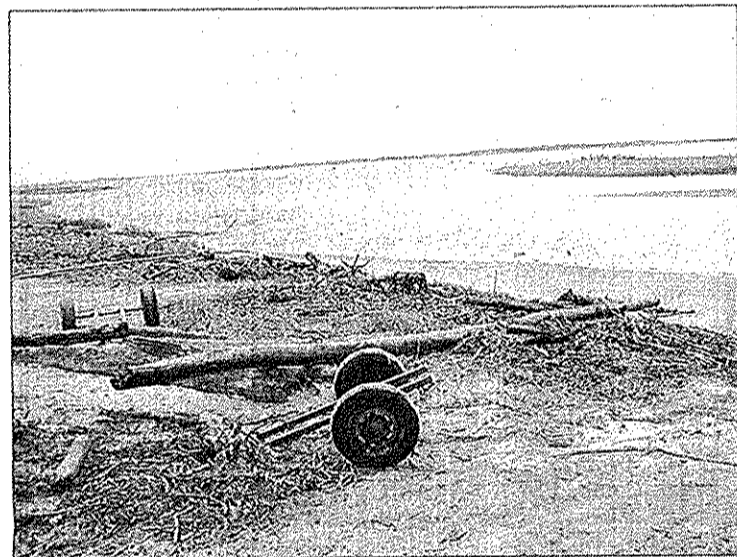
O Valo Grande é resultado de uma equivocada intervenção do homem na natureza. A estrutura de uma barragem que fecharia o canal está pronta há dez anos, mas as comportas não foram colocadas. O governo alega não dispor dos R\$ 12 milhões que faltam para a obra. O valo transformou-se num grande escoadouro das águas do Ribeira, 18 quilômetros antes da foz. "É uma espécie de ladrão, num ponto muito crítico onde as águas naturalmente perdem velocidade", explica o superintendente do Ibama no Estado de São Paulo, Wilson de Almeida Lima.

**Vazão** – Medições feitas pelo Departamento de Água e Energia Elétrica (DAEE) indicam que o valo já absorve quase 70% da vazão do rio. Os sedimentos e o barro levados pelas águas assorearam o porto de Iguape e grande parte do Mar Pequeno, fazendo surgir novas ilhas no estuário. Todo o complexo compreende uma área de 328 mil hectares, a maior parte considerada reserva da biosfera e patrimônio natural mundial. A importância desse ecossistema levava ao fechamento do valo com uma barragem fixa em 1978. O barramento foi rompido por uma enchente, nove anos depois. O que sobrava desse obstáculo foi destruído a picaretas pelos moradores, que atribuíam ao fechamento do valo as inundações no Ribeira. Uma nova cheia, em 1994, acabou com o resto da barragem.

A remoção da barreira causou uma queda abrupta na produção de peixes do Mar Pequeno, de 7 mil toneladas para cerca de 800 toneladas anuais, segundo diagnóstico realizado há dois anos pelo Centro de Estudos Ecológicos Gaia Ambiental. Metade dos 3,2 mil pescadores da região já não vive dessa atividade. "O volume e a velocidade da água despejada pelo



A pesca de manjuba no Rio Ribeira de Iguape foi uma das atividades prejudicadas pela remoção da barreira no Valo Grande; a produção caiu de 5,5 mil para 2,2 mil toneladas por ano



Imagens da foz do Ribeira com as marcas do assoreamento



Costa: nos anos 80, ele voltava da pescaria com 100 quilos de peixes



O assoreamento prejudica a circulação dos barcos. No Rio Ribeira, agora, só passam embarcações de pequeno porte

valo impedem a fixação de organismos aquáticos marinhos que alimentam os peixes", disse Lima. Segundo ele, todo o ecossistema do estuário, incluindo os manguezais, sofreu grandes alterações. "Não tem mais ostra, camarão e mexilhão, até o caranguejo sumiu."

O pescador Sebastião da Costa, de 68 anos, criou os sete filhos da pesca, mas agora quer que eles busquem outra atividade. Na década de 80, ele voltava da pescaria com até 100 quilos de peixes. "Tinha robalo, robalão, tainha, mero, garoupa, tudo peixe grosso", recorda. Era comum trazer garoupas de 20 quilos. "Agora, só dá manjuba, salteira e bagre, peixes de pouco valor."

Na foz original do rio, que os pescadores chamam de Ribeira

Velho, a manjuba praticamente acabou. Esse peixe habita o mar e sobe o rio para desovar. Pescadores da barra, como Antônio Marques, de 56 anos, viviam da temporada da manjuba. "Muitos pegavam mais de uma tonelada em um dia."

Quem não largou o ofício, agora pesca em alto-mar. Mas o assoreamento prejudica a circulação dos barcos. "Só passa canoa rasa", diz Marques. Contando o que se pesca no valo, a produção de manjuba caiu de 5,5 mil para 2,2 mil toneladas por ano, segundo o Ibama. Durante a maré baixa o Ribeira vira uma lâmina d'água junto à foz. É possível atravessá-lo caminhando.

A alteração no curso do rio afetou o regime de marés do Mar Pequeno e atingiu em

cheio a rotina dos moradores da margem continental, em Iguape. No Bairro de Icapara, dezenas de casas foram tragadas pelo mar.

O empresário paulistano Frederico Matzner Junior usou toneladas de concreto para conter o avanço das águas sobre sua propriedade. "No lugar de areia, temos o lodo que desceu do rio." O economista Nelson Leite disse que Iguape é uma ilha cercada de barro. "Perdemos uma fantástica faixa litorânea e a população empobrecceu, ficando sem a renda que vinha do turismo e da pesca." O agente fiscal do Ibama Carlos Roberto de Souza observa outros sinais da alteração no ecossistema estuarino. No Mar Pequeno, ao invés do tradicional camarão-sete-barbas, só se consegue pegar o pitu, camarão de água doce. O superintendente do Ibama acredita que só o fechamento do valo possibilitará uma avaliação correta dos im-

pactos. "É preciso ter uma estabilidade mínima para poder entender a dinâmica do estuário." O período de regeneração deve demorar de três a quatro anos.

"Estando fechado o valo, a tendência é haver o desassoreamento do Ribeira Velho", disse. O trabalho pode ser apressado em um acordo com empresas mineradoras, interessadas em explorar a areia do rio.

## Parte de Iguape foi destruída pelas águas

*Construção do valo, no século 19, inundou a cidade, que era grande produtora de arroz*

**I**GUAPE – O Valo Grande é um exemplo da intervenção desastrada do homem na natureza. No início do século 19, quando o Vale do Ribeira se destacava pela grande produção de arroz, Iguape possuía dois portos: um fluvial, o Porto do Ribeira, que recebia o produto da região, e outro marítimo, o Porto de Iguape, onde aportavam navios e vapores brasileiros e do exterior, entre eles os que levavam arroz. O transporte entre os dois portos era feito em carroça por uma estrada de três quilômetros.

A cidade era rica e tinha vida cultural intensa. Com seis jornais, vários teatros e casas de espetáculo, vinham até companhias artísticas da Europa. Surgiu, então, a idéia de se abrir um canal entre os dois portos para facilitar o escoamento da produção. O pedido foi entregue ao imperador d. Pedro I em fevereiro de 1825, que enviou um engenheiro, o tenente-coronel Eusebio Gomes Barreiro, para fazer o projeto. Ele calculou que as águas do Ribeira ficavam seis palmos acima do nível do Mar Pequeno e previu erosão e desbarrancamento do solo arenoso.

O historiador José Paulo Orsini de Carvalho conta que os iguapenses dividiram-se em três facções: um grupo, com interesses no comércio de arroz, favorável à abertura, outro, formado por moradores tradicionais, contra, e um terceiro favorável à abertura em outro lugar. A proposta foi aprovada na Câmara e o Valo Grande foi construído por índios e escravos. Era, no início, um escoadouro de apenas 4,4 metros de largura. A força das águas, na busca do caminho mais curto para o mar, foi corroendo as margens arenosas.

Quarteirões inteiros, inclusive o cemitério da cidade, foram destruídos. "A população fugia em pânico e as famílias mais tradicionais deixaram a cidade às pressas", conta Carvalho. O Porto de Iguape foi assoreado e os navios encalhavam, até não poder mais ser usado. Em março de 1879, os moradores pediram ao imperador, já então d. Pedro II, o fechamento do canal. A cidade tornara-se uma ilha, cercada pelo Mar Pequeno, o Ribeira e o Valo Grande, com mais de 200 metros de largura. Só um século depois, as autoridades intervieram para fechar o valo, construindo uma barragem de terra e pedras que durou menos de dez anos.

Depois que as enchentes levaram o barramento, o Governo do Estado iniciou a construção de uma barragem com comportas para controle da vazão. Segundo o engenheiro Gilson Nashiro, do DAEE, o projeto possibilitaria a abertura das comportas em períodos de cheia, regulando a cota do Ribeira. No meio da barragem estaria uma eclusa para a passagem dos barcos. A obra parou em 1992 por falta de recursos.

O prefeito de Iguape, João Cabral Muniz (PSDB), lamenta que o término da barragem não seja prioridade do Fundo de Desenvolvimento do Vale do Ribeira (Fundesvar), criado pelo governador Geraldo Alckmin, que recebe R\$ 46 milhões.